

sobre tudo

PRESENCAS, AUSÊNCIAS, CONTINGÊNCIAS

Recortes da arquitetura de uma escola: enquanto uma câmera enquadra o cimento áspero de paredes e colunas, o recorte azul do céu oferece contraste e movimento à paisagem, percorrida unicamente por nuvens esvoaçantes, que se deslocam na paisagem. Percebemos que entramos em uma escola, embora inicialmente só seja possível escutar ruídos que marcam ausências: o canto dos pássaros, o burburinho abafado de conversas, o movimento do trânsito nas ruas ao redor... afinal, onde estão os estudantes, os professores e os técnicos?

Enquanto percorremos os labirintos daquele espaço deserto, com paredes pintadas até a metade de branco e azul, salas de aula, quadra de esporte, cantina, pátios e parquinho, constatamos vestígios das muitas presenças que existiram ali em algum momento: pinturas que lembram inscrições rupestres na rampa, grafittis nas paredes externas, cartazes com o alfabeto nas salas de aula. Até mesmo as carteiras vazias se encontram organizadas em filas, em círculo ou em grupos menores, sugerindo uma espera daqueles que as vão ocupar.

Na biblioteca há um dragão de papel machê pendendo do teto e livros devidamente organizados nas prateleiras, além de esculturas de criança feitas de argila. Na cantina há pilhas de panelas, bules e raladores de metal, tão limpos e ariados, que a câmera pode se refletir em seu brilho. Na despensa, sacos de arroz, feijão, cabeças de alho e ovos. Sem dúvida, trata-se de uma escola brasileira. Na horta há alfaces

prontas para serem colhidas, enquanto na sala de música tambores e atabaques aguardam silenciosos. No amplo pátio de concreto, um sentimento que é menos o de vazio e mais o de uma cuidadosa espera, em que os espaços são preparados, limpos e organizados, para bem receber quem está prestes a chegar. Finalmente, a câmera enquadra a fachada da Escola Municipal José Calil Ahouagi, em Minas Gerais, cenário eleito para o documentário **Teoria da escola**, de Maximiliano López, produzido em parceria com a UFJF.

O audiovisual de López faz parte de uma trilogia acerca do espaço, do tempo e das materialidades escolares. Exibido na UDESC em 2017, por meio do trabalho **Elogio da escola** (Autêntica, 2017), conduzido pelos professores Jorge Larrosa e Karen Rechia, o documentário ganha um novo significado em nossos dias, em meio ao contexto da pandemia de Covid-19, que insiste em não nos deixar. Assim, ao trazermos a público a revista **Sobre Tudo**, Volume 12, Número 1, perambulamos com a memória por uma escola vazia e à espera, enquanto trabalhamos em uma sala de aula à distância. Torna-se inevitável questionar: do que é feita uma escola? Muitas são as respostas possíveis. De nossa parte, percebemos nos últimos meses, em meio a muito trabalho e a uma empenhada tentativa de adaptação ao mundo virtual, que uma escola é feita em primeiro lugar e sobretudo por gente: por estudantes, professores e demais profissionais, que se empenham em acolher e em conviver, em ensinar, em estudar e em produzir conhecimento. A escola é esse encontro, onde quer que ele se dê.

A presente edição é feita por pessoas que seguem resistindo, estudando e ensinando, ainda que por meio de telas e recursos digitais, mas que, além disso, ainda encontram tempo e disposição para pesquisar e escrever. Graças a esse esforço coletivo, que inclui ainda o árduo trabalho de nossos avaliadores e editores, podemos oferecer a vocês, leitores, textos que se dedicam a pensar a Educação Básica no

Brasil, em um momento histórico em que as atividades pedagógicas remotas começam a coexistir com modelos de ensino híbridos e presenciais. Os reflexos acarretados por essas adequações contingenciais que acabam por introduzir novos modelos ainda estão longe de ser mensurados, mas já somos capazes de compartilhar algumas experiências, descobertas e desafios do nosso tempo.

A presente edição conta com 15 textos, sendo um deles uma coletânea, em sua maioria dedicados a pensar a educação no contexto do isolamento social imposto pela pandemia. É aberta pela seção ARTIGO CIENTÍFICO, com “Conteúdos de Química nos programas de ensino do Colégio de Pedro II (1850 – 1890)”, de Renato da Silva Custódio, Doutorando em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina, seguido pelo artigo “O ensino de História Indígena através de narrativas indígenas: reflexões a partir da interculturalidade crítica e da decolonialidade”, de autoria de Sandor Fernando Bringmann, Professor Adjunto do Departamento de Metodologia do Ensino (MEN-UFSC) e Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Ensino de História (PROFHISTÓRIA-UFSC), e de Marjorie Edyanez dos Santos Götttert, Professora de História da Rede Pública Estadual de Santa Catarina. Destacamos a importância, para esta revista, de contemplar abordagens históricas e decoloniais para pensar o ensino.

Apresentamos, na sequência, três ARTIGOS SOBRE EXPERIÊNCIAS DE DOCÊNCIA. O primeiro, “No meio do caminho tinha uma pandemia: alfabetização, letramento e formação do leitor literário por meio do Projeto ANANSE”, foi escrito por Fabiana Giovani, Professora adjunta da Universidade Federal de Santa Catarina, Ana Lúcia Machado, Professora aposentada da Rede Municipal de Florianópolis e Professora do 2º ano A do Colégio de Aplicação, e Lucca Giovani de Oliveira, estudante do 2º ano A do Colégio de Aplicação. O segundo artigo, “Francês e Matemática juntos em aula: abordagens no ensino remoto do CAP-UFRJ”, trata de uma experiência realizada no 6º ano, inserida em um

contexto de ensino remoto e de trabalho interdisciplinar, de autoria de Fernanda Pacobahyba, Professora Substituta de Francês no Colégio de Aplicação da UFRJ, Ivo da Silva Knopp, Professor Substituto de Matemática no Colégio de Aplicação da UFRJ (CAp-UFRJ) e na Rede Municipal de Teresópolis, e Miriam Levy, Professora efetiva de Francês no Colégio de Aplicação da UFRJ. Por fim, o terceiro artigo, “O uso de jogos: uma proposta durante a pandemia”, é um projeto que, em contexto presencial e remoto, propôs aulas não-tradicionais para o ensino dos números inteiros com alunos do 7º ano da Escola Municipal Professor Avelino Marcante, na cidade de Joinville/SC, trabalho desenvolvido por Alex Manoel Vieira, Flávia Borges e Samara Cristina Liermann, os três graduandos em Licenciatura em Matemática pela Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC de Joinville.

Fechando os artigos, apresentamos três trabalhos voltados à EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO NA EDUCAÇÃO BÁSICA, todos dentro do eixo Linguagens e suas tecnologias. “O estágio como espaço de formação crítica docente e discente: uma experiência no CAP UFRJ em tempos de pandemia” relata uma experiência de estágio em Língua Francesa, desenvolvida no contexto de ensino remoto, de autoria de Flávia Alves Gomes e Catarina Lobo Gonçalves, Professoras de Francês do Colégio de Aplicação da UFRJ, e de suas estagiárias Julia Cataldo Lopes e Clarisse Peres de Assis, as duas licenciandas em Letras Português e Francês pela UFRJ. Os dois trabalhos seguintes tratam do estágio em língua materna. Em “Ensino de Língua Portuguesa, conscientização social e direitos humanos no contexto do estágio supervisionado da UFPE”, temos o relato de uma experiência realizada no 9º ano do Ensino Fundamental, no ano de 2019, portanto, ainda em modalidade presencial, trabalho desenvolvido por Juliana de Melo Lima, Professora do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, e suas estagiárias Gabriella Fernanda do Nascimento e Luiza Mirele Ferreira da Silva de Oliveira, ambas licenciandas em Letras Português da UFPE.

Encerrando as reflexões sobre estágio, compartilhamos “Realismo e Naturalismo para o Ensino Médio: desafios metodológicos no estágio de docência na modalidade de ensino não presencial no CAp UFSC”, o qual sistematiza o processo de readaptação – recursos, metodologia, planejamento e docência – pelo qual o estágio em Língua Portuguesa precisou passar para ser desenvolvido em modalidade não presencial, por meio de Atividades Pedagógicas Não Presenciais (APNPs), instituídas no Colégio de Aplicação da UFSC, em julho de 2020, de autoria de Liandra Lisian Schug, Juliana Schütz Ferreira e Camila Gesser dos Santos, licenciandas em Letras Português da UFSC.

É importante observar, neste segmento, que há textos que apontam para a importância do multilinguismo em contexto escolar. Em que pese a Reforma do Ensino Médio ter dado importância apenas ao Inglês, como língua estrangeira hegemônica, duas das experiências relatadas tratam de trabalhos com o Francês. No CA/UFSC, temos oferta de ensino de quatro línguas estrangeiras modernas: Inglês, Espanhol, Alemão e Francês. No caso desta última, é desenvolvido na escola um projeto de Francês DNL, em parceria com o governo da França, a Aliança Francesa e a UFSC, coordenado pela professora Narceli Piucco, que gentilmente elaborou os resumos dos textos que versavam sobre experiências interdisciplinares e de estágio que envolvem essa língua.

A presente edição conta ainda com um ENSAIO, intitulado “Reflexões sobre a ‘escola ubíqua’: netnografia e etnografia digital como instrumentos para a compreensão dos processos de ensino/aprendizado nos ambientes virtuais”, de Eduardo Galvani, Graduado em Ciências Sociais pelo Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina. Em seu texto, o autor reflete sobre as transformações socioculturais que estamos vivenciando a partir do surgimento e da popularização de tecnologias digitais de comunicação no âmbito da Educação, propondo o uso da

Netnografia e da Etnografia Digital como métodos antropológicos para análise de “comunidades virtuais”.

Reforçando o caráter plural da nossa revista, trazemos dez PRODUÇÕES TEXTUAIS DE ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO BÁSICA. As duas primeiras são textos em Língua Inglesa, conduzidas por professores do Ensino Médio. “Gustavo’s memoirs” é um texto que mostra como o isolamento afetou a vida de um jovem de 17 anos ao longo do último ano, de autoria do estudante Gustavo Bernardo Rodrigues, com a orientação de sua Professora de Inglês do CA/UFSC, Nádia Karina Ruhmke-Ramos. Também de caráter autobiográfico, temos [POEMA SEM TÍTULO], escrito em versos por Luis Miguel Munhoz Sousa, sob a orientação de seu Professor de Inglês do IFSC-São José, Leonardo da Silva. Fechando essa seção, temos uma coletânea de oito memórias de leitura, orientadas e apresentadas pelo Professor de Língua Portuguesa do CA/UFSC, George França, com o trabalho de oito de seus estudantes do 1º ano do Ensino Médio: Mariana Jann Luna, Valentine May Machado, Celestino Vieira, Kauã Leonardo Souto da Luz, Bianca Luz Magalhães, Vitória Alonso Florentino, Mariana Seemann Borges e João Pedro Burnier Jacinto.

E já que três parece ser o número mágico dessa edição, temos três textos em LITERATURA E OUTRAS ARTES: “O sono da questão”, de Tobias Nunnes, Mestre e Doutorando na PGET/UFSC; “A jornada”, de Vander Baptista, Graduando do Centro de Ciências Biológicas da UFSC, e “Microanálise antropológica de um Templo-da-sapiência”, de Otávio da Silva Custódio, Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica da UFSC, na linha de pesquisa de Formação de Professores, texto que fecha a edição apresentando uma curiosa alegoria de nossa escola.

Encerrando esse editorial, nos resta dizer que sentimos uma imensa saudade de tudo o que representa o documentário **Teoria da escola**, de Maximiliano López – ao nos recordar dos espaços, dos

tempos, dos sons, dos movimentos, dos cheiros e dos sabores de uma escola, tão familiares para nós. Todavia, prosseguimos no isolamento social, mantendo atividades regulares de ensino, pesquisa e extensão, à espera de condições concretas para o retorno. Uma batalha que envolve a luta por recursos para reformar nossa escola, tendo em vista os estragos causados em nosso telhado pela passagem do “Ciclone Bomba”, que atingiu Santa Catarina, em julho de 2021, acentuados pela depreciação naturalmente imposta pelo tempo de fechamento e desuso. Para complexificar o cenário, há o devastador corte de verbas da UFSC, o qual torna a manutenção da universidade insustentável até o final de 2021. A exemplo de outras universidades públicas, como a UFRJ, o orçamento anual foi reduzido sucessivas vezes: primeiro no âmbito da Lei Orçamentária Anual de 2021, depois nas emendas da Câmara dos Deputados, seguida por novo corte via Veto Presidencial e por último na diminuição do repasse feito pelo Ministério da Educação.

Hoje, dia 20 de julho de 2021, o Brasil acumula a lamentável marca de 543 mil mortos pela Covid-19, em pouco mais de um ano de pandemia. Não se trata de números, mas de pessoas, com nomes, familiares, amigos, profissões, sonhos e projetos de vida, como a nossa querida colega Rosana Aparecida da Silva. Vigilante da segurança patrimonial, ela nos aguardava diariamente na portaria do Colégio de Aplicação da UFSC, com um grande sorriso colorido de batom. Infelizmente, não estará presente no nosso retorno, porque faleceu há pouco mais de um mês, em 07 de junho de 2021, em decorrência de complicações causadas pela Covid-19. Rosana morava em Palhoça e pegava três ônibus diariamente para se deslocar até o trabalho, condição similar à de várias outras vigilantes e faxineiras da UFSC, também infectadas por essa doença. Os funcionários terceirizados são os trabalhadores mais precarizados da UFSC, com os salários mais baixos, a maioria dos quais seguiram trabalhando presencialmente mesmo durante o período de isolamento social, em que a escola esteve

fechada. Em maio, os profissionais da educação começaram receber a primeira dose da vacina, mas Rosana não teve essa sorte. Por isso, Rosana querida, esta revista é dedicada especialmente para você: em meio a tantas contingências e ausências, queremos deixar registrada aqui a lembrança da sua presença afetuosa em nossas vidas.

Seguindo os rigorosos protocolos de biossegurança instituídos por nossa universidade e mantendo a confiança na ciência, que constrói conhecimento e destrói mitos, esperamos que a Covid-19 seja controlada o quanto antes para que possamos retornar com segurança, responsabilidade e cuidado ao ensino presencial, nosso lugar preferido de encontro, o qual costumávamos chamar, simplesmente, de escola.

Até breve e uma boa leitura!

Comissão Editorial

Fernanda Müller

George França

Gláucia Dias da Costa

Lara Duarte Souto-Maior